



ISSN: 2595-1661

ARTIGO

Listas de conteúdos disponíveis em [Portal de Periódicos CAPES](https://portal.periodicos.capes.gov.br/)

Revista JRG de Estudos Acadêmicos

Página da revista:

<https://revistajrg.com/index.php/jrg>



Impactos da violência obstétrica na saúde da mulher e relação mãe-filho: revisão integrativa

Impacts of obstetric violence on women's health and mother-child relationship: an integrative review

DOI: 10.55892/jrg.v8i19.2606

ARK: 57118/JRG.v8i19.2606

Recebido: 24/10/2025 | Aceito: 29/10/2025 | Publicado on-line: 30/10/2025

Railma da Silva Costa Ferreira¹

<https://orcid.org/0009-0008-1067-3889>

Instituto de Ensino Superior do Sul do Maranhão – IESMA/Unisulma, Brasil

E-mail: railmacosta20@gmail.com

Debora Ellen Sousa Costa²

<https://orcid.org/0000-0003-4205-8801>

<http://lattes.cnpq.br/5149280176558168>

Instituto de Ensino Superior do Sul do Maranhão – IESMA/Unisulma, Brasil

E-mail: debora.costa@unisulma.edu.br



Resumo

A violência obstétrica é compreendida como toda ação ou omissão que cause danos físico, psicológico ou moral à mulher durante o processo gestacional, parto ou puerpério, configurando uma violação de direitos humanos e de gênero. Seus impactos ultrapassam o momento do parto, refletindo negativamente na saúde mental da mulher e na construção do vínculo afetivo com o bebê. Analisar as evidências disponíveis na literatura científica sobre os impactos da violência obstétrica na saúde mental e relação mãe-filho de mulheres vítimas. Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, que a partir da estratégia PICo definiu a pergunta norteadora: Quais os impactos da violência obstétrica na saúde mental e na relação mãe-filho de mulheres no período gestacional, parto e pós-parto vítimas de violência?. Foram selecionados artigos científicos nas bases de dados SciELO, LILACS e PubMed, utilizando os seguintes Descritores em Ciências da Saúde “Violência obstétrica”, “Trauma”, “Parto”, “Relação mãe-filho” e “Saúde mental”, cruzados com o operador booleano AND, sendo incluídos artigos científicos completos, disponíveis na íntegra, publicados em português ou inglês, entre os anos de 2019 a 2024. Foram excluídos artigos de opinião, editoriais, revisões e os que estavam duplicados nas bases de dados. A amostra final foi composta por seis artigos, sendo que todos os estudos evidenciaram os impactos da violência obstétrica na saúde mental da mulher, com o surgimento de sentimentos de medo, vergonha, impotência, ansiedade, depressão e transtorno de

¹ Graduanda do curso de Bacharelado em Enfermagem, Instituto de Ensino Superior do Sul do Maranhão – IESMA/UNISULMA

² Graduada em Enfermagem, Universidade Federal do Maranhão - UFMA. Especialista em Saúde Coletiva e Enfermagem, Faculdade Venda Nova do Imigrante - FAVENI. Mestre em Saúde e Tecnologia, Universidade Federal do Maranhão - UFMA

estresse pós-traumático. Além disso, três estudos constataram que a violência obstétrica prejudica o estabelecimento do vínculo entre mãe e filho, comprometendo a sensibilidade materna, a responsividade nas interações, a amamentação e a formação de apego seguro, fatores essenciais para o desenvolvimento emocional e cognitivo da criança. A violência obstétrica compromete a saúde mental da mulher e interfere diretamente na construção do vínculo mãe-filho, afetando a amamentação, a sensibilidade materna e o desenvolvimento emocional do bebê. Esses achados reforçam a necessidade de práticas obstétricas humanizadas, que promovam respeito, autonomia e acolhimento, bem como a implementação de políticas públicas e estratégias de suporte psicossocial para prevenir e minimizar os impactos negativos da violência obstétrica.

Palavras-chave: Violência obstétrica, Saúde mental, Relações mãe-filho.

Abstract

Obstetric violence is understood as any action or omission that causes physical, psychological, or moral harm to women during pregnancy, childbirth, or the postpartum period, constituting a violation of human and gender rights. Its impacts extend beyond the moment of birth, negatively impacting the woman's mental health and the development of an emotional bond with her baby. This study analyzes the available evidence in the scientific literature on the impacts of obstetric violence on the mental health and mother-child relationship of women victims. This integrative literature review, based on the PICO strategy, defined the guiding question: What are the impacts of obstetric violence on the mental health and mother-child relationship of women victims of violence during pregnancy, childbirth, and postpartum? Scientific articles were selected from the SciELO, LILACS, and PubMed databases, using the following Health Sciences Descriptors: "Obstetric violence," "Trauma," "Childbirth," "Mother-child relationship," and "Mental health," cross-referenced with the Boolean operator AND. Complete scientific articles, available in full, published in Portuguese or English between 2019 and 2024, were included. Opinion articles, editorials, reviews, and those found to be duplicates in the databases were excluded. The final sample consisted of six articles, all of which highlighted the impacts of obstetric violence on women's mental health, with the emergence of feelings of fear, shame, helplessness, anxiety, depression, and post-traumatic stress disorder. Furthermore, three studies found that obstetric violence harms the establishment of the mother-child bond, compromising maternal sensitivity, responsiveness in interactions, breastfeeding, and the formation of secure attachment, all of which are essential factors for the child's emotional and cognitive development. Obstetric violence compromises women's mental health and directly interferes with the development of the mother-child bond, affecting breastfeeding, maternal sensitivity, and the baby's emotional development. These findings reinforce the need for humane obstetric practices that promote respect, autonomy, and acceptance, as well as the implementation of public policies and psychosocial support strategies to prevent and minimize the negative impacts of obstetric violence.

Keywords: Obstetric violence, Mental Health, Mother-Child Relations.

1. Introdução

A gestação é um processo fisiológico natural que marca o desenvolvimento do feto e provoca intensas transformações na mulher, podendo ser vivenciada de formas distintas conforme as condições de saúde, o contexto social e o suporte recebido. O ato de gerar uma vida envolve fatores físicos, bioquímicos e psicológicos, impactando sobretudo a gestante, que vivencia expectativas, medos, dúvidas, incertezas, além de alterações corporais e mentais (Nascimento; Souza, 2022).

Entre 37 e 42 semanas de gestação, inicia-se o período do parto e nascimento da criança a termo, vivenciado pelas mulheres como um processo associado a dor, ansiedade e satisfação pessoal. Nos séculos anteriores, o parto era realizado por parteiras e/ou médicos que, diante de situações complexas, recorriam a práticas dolorosas e arriscadas, consideradas um marco inicial da violência obstétrica (VO) (Kappaun; Costa, 2020).

A VO é definida como uma forma de agressão contra a mulher durante o parto e/ou no período neonatal, em que há execução de condutas inadequadas que violam a vontade e autonomia da mulher, como a realização de procedimentos e administração de medicamentos desnecessários, além do uso de palavras ofensivas e pejorativas (Leite et al., 2022).

No cenário mundial, cerca de 44% das mulheres relataram ter sido vítimas de VO, incluindo abusos físicos e psicológicos, desrespeito, falta de informação e privacidade (Silva et al., 2023). Na região nordeste do Brasil, 97,4% das mulheres em maternidades públicas informaram ter sofrido desrespeito ou restrições no atendimento (Conceição; Madeira, 2024). No maranhão, cerca de 33% das gestantes relataram VO, sobretudo na forma psicológica (Silva, 2024).

Em relação as consequências da VO, as mulheres vítimas podem apresentar prejuízos na saúde física e mental. Nos aspectos físicos, podem ocorrer complicações como hemorragias, infecções e sequelas devido à procedimentos desnecessários. Quanto à saúde psicológica, a mulher pode desenvolver quadros de ansiedade, depressão e estresse pós-traumático. Além disso, observam-se impactos negativos da VO na relação mãe-filho, incluindo dificuldades no estabelecimento do vínculo, no aleitamento materno e na criação de laços de confiança e segurança (Leite et al., 2022).

Um estudo realizado por Leite et al., (2024), evidenciou que a VO está associada ao aumento significativo da depressão pós-parto e do transtorno de estresse pós-traumático entre mulheres que sofreram maus-tratos no parto. Além disso, constatou-se que a presença desses agravos mentais prejudica o vínculo mãe-filho, dificulta o início da amamentação e reduz a procura por serviços de saúde no puerpério.

Desse modo, a identificação e o enfrentamento da VO constituem uma prioridade de saúde pública, uma vez que as consequências afetam a saúde da mulher e a relação mãe-filho. Entretanto, apesar dos avanços nas políticas de humanização do parto e nascimento, práticas desrespeitosas ainda são observadas nos serviços de saúde, refletindo lacunas na formação e sensibilização dos profissionais. Em relação ao papel do enfermeiro na assistência obstétrica e na promoção de um cuidado centrado na mulher, torna-se fundamental compreender de que forma a atuação profissional pode prevenir, identificar e minimizar os impactos dessa forma de violência.

Apesar da relevância do tema, observam-se lacunas na literatura quanto à sistematização das evidências que relacionam a violência obstétrica aos danos psicológicos e relacionais que afetam o binômio mãe-filho. A realização de uma

revisão integrativa justifica-se, portanto, pela necessidade de reunir, analisar e sintetizar os achados científicos disponíveis sobre o tema, oferecendo subsídios para aprimorar a prática da enfermagem, fortalecer a humanização da assistência ao parto e orientar políticas públicas que garantam o respeito aos direitos das mulheres e a promoção da saúde materno-infantil.

Assim, a presente pesquisa tem como objetivo analisar as evidências disponíveis na literatura científica sobre os impactos da violência obstétrica na saúde mental e relação mãe-filho de mulheres vítimas.

2. Materiais e métodos

Estudo do tipo Revisão Integrativa da Literatura (RIL) que discorre sobre os impactos da violência obstétrica na saúde mental das mulheres, bem como na relação mãe-filho. A RIL permite sintetizar um assunto para que ele seja compreendido e analisado de forma mais abrangente (Souza; Silva; Carvalho, 2010). A presente pesquisa foi construída a partir de cinco etapas: elaboração da pergunta norteadora, busca pelos descritores, coleta de dados nas bases selecionadas, análise crítica dos estudos incorporados, discussão dos resultados e apresentação da revisão (Whittemore; Knafl, 2005).

A elaboração da pergunta norteadora foi realizada por meio da estratégia PICO, acrônimo que corresponde a: P – Paciente/População; I – Intervenção/Interesse; Co – Contexto. A estratégia desta pesquisa foi estabelecida da seguinte forma: P (População): Mulheres no período gestacional, parto e pós-parto, I (Interesse): Violência obstétrica e Co (Contexto): Impactos na saúde mental e na relação mãe-filho. A partir da estratégia PICO, definiu-se a pergunta norteadora: “Quais os impactos da violência obstétrica na saúde mental e na relação mãe-filho de mulheres no período gestacional, parto e pós-parto vítimas de violência?”.

A coleta de dados foi realizada em setembro de 2025, por meio da busca nas bases de dados, a saber: Scientific Electronic Library Online (SciELO), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (PUBMED). Para a busca, foram utilizados Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) e termos não controlados, sendo eles: “Violência obstétrica”, “Trauma”, “Parto”, “Relação mãe-filho”, “Saúde mental”, combinados com o operador booleano AND. As estratégias de busca em cada base de dados estão dispostas no Quadro 1.

Quadro 1: Estratégias de busca de acordo com as bases de dados selecionada.

BASE DE DADOS	ESTRATÉGIA DE BUSCA
SCIELO	(Violência obstétrica) AND (Parto) AND (Saúde Mental)
LILACS	(Violência obstétrica) AND (Relação Mãe-Filho) AND (Saúde mental)
PUBMED	(Violência obstétrica) AND (Trauma) AND (Parto)

Fonte: autor (2025).

A coleta de dados foi realizada no mês de setembro de 2025. Quanto à elegibilidade dos artigos, foram adotados como critérios de inclusão: artigos científicos completos, disponíveis na íntegra, publicados em português ou inglês, entre os anos de 2019 a 2024. Foram excluídos artigos de opinião, editoriais, revisões e os que estavam duplicados nas bases de dados.

Após o levantamento inicial nas bases de dados, houve a exportação dos artigos para o software de revisão online Rayyan, que permitiu conhecer e eliminar os artigos em duplicidade, além de auxiliar no rastreamento dos artigos que iriam compor a amostra final da revisão, através dos critérios de inclusão e exclusão. No processo de seleção dos artigos, foram utilizadas quatro fases do fluxograma Preferred Reporting Items for Systematic Review and MetaAnalysis (PRISMA) adaptado (Page *et al.*, 2021).

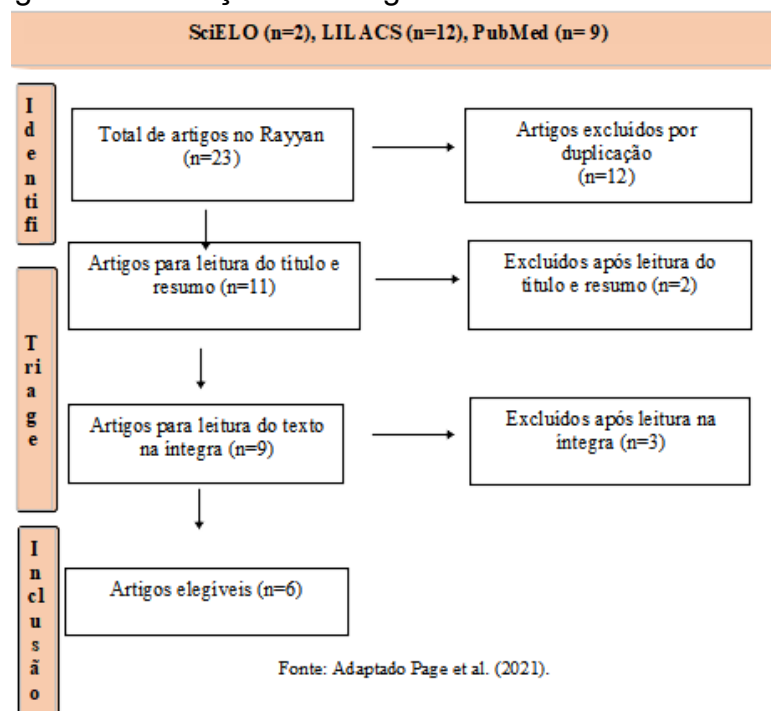
3. Resultados

A busca realizada nas bases de dados SciELO, LILACS e PUBMED resultou em 23 publicações. Após a verificação das duplicidades, 12 artigos foram excluídos, restando 11 para leitura de títulos e resumos. Nessa etapa, 2 estudos foram eliminados por não atenderem aos critérios estabelecidos, de modo que 9 artigos seguiram para leitura na íntegra.

Após essa análise detalhada, 3 publicações foram excluídas, sendo 2 por não se adequarem à proposta metodológica e 1 por não responder diretamente ao objeto de estudo. Dessa forma, 6 artigos contemplaram a amostra final desta revisão integrativa.

Todo o processo de seleção foi conduzido com adaptação as etapas do fluxograma PRISMA (Page *et al.*, 2021), para garantir transparência e rigor metodológico. A figura 1 apresenta a seleção dos artigos que foram incorporados na revisão integrativa.

Figura 1: Fluxograma de seleção dos artigos incluídos.





O Quadro 2 apresenta a descrição sobre a identificação (ID), autores, ano de publicação, cenário do estudo, periódico publicado e idioma dos estudos incluídos na presente revisão integrativa. Em relação ao ano de publicação, verificou-se que três estudos foram publicados em 2019, dois em 2024 e um no ano de 2021. Além disso, os seis estudos incluídos foram realizados no Brasil, sendo distribuídos igualmente entre a região nordeste e sudeste. Quanto aos periódicos, três artigos foram publicados em revistas na área de psicologia e três foram veiculados por periódicos relacionados à saúde coletiva. Sobre o idioma de publicação, todos os artigos estavam em português.

Quadro 2 - Artigos incluídos na revisão integrativa de acordo com ID, autores/ano, título, cenário, periódico e idioma.

ID	Autores/Ano	Título	Cenário do Brasil	Periódico de publicação	Idioma
A1	Oliveira et al. (2019)	Vivências de violência obstétrica experimentadas por parturientes	Região Nordeste	ABCS Health Sciences	Português
A2	Ballesteros et al. (2019)	Saúde mental e apoio social materno: influências no desenvolvimento do bebê nos dois primeiros anos	Região Sudeste	Contextos Clínicos	Português
A3	Lima; Pimentel; Lyra (2019)	Disparidades raciais: uma análise da violência obstétrica em mulheres negras	Região Nordeste	Ciência & Saúde Coletiva	Português
A4	Matos; Magalhães (2021)	Violência obstétrica e trauma no parto: O relato das mães	Região Sudeste	Psicologia: Ciência e Profissão	Português
A5	Souza; Ne; Calzavara (2024)	Uma escuta à gestante na instituição: entre o trauma e a inventividade	Região Sudeste	Estudos Interdisciplinares em Psicologia	Português
A6	Conceição; Madeiro (2024)	Associação entre desrespeito e abuso durante o parto e o risco de depressão pós-parto: estudo transversal	Região Nordeste	Saúde coletiva e políticas públicas de saúde	Português

Fonte: autor (2025).

O Quadro 3 evidencia o objetivo, aspectos metodológicos e os principais resultados dos artigos incluídos nesta RIL, permitindo identificar os impactos da violência obstétrica na saúde da mulher e relação mãe-filho.

Quadro 3 – Descrição dos estudos incluídos na revisão integrativa de acordo com o objetivo, aspectos metodológicos e principais resultados.

ID	Objetivo	Aspectos Metodológicos	Principais Resultados
A1	Analisar as experiências de trabalho de parto e parto de mulheres que sofreram violência obstétrica.	Estudo descritivo, transversal, com abordagem qualitativa. Desenvolveu-se em Unidades Básicas de Saúde (UBS) do município de Juazeiro do Norte, região Sul do Ceará, Brasil.	Impactos negativos da violência obstétrica no aspecto mental: As mulheres relataram sentimentos de medo, ansiedade, impotência e comprometimento do bem-estar emocional frente a VO.
A2	Investigar indicadores de saúde mental materna e o apoio social recebido durante a gravidez e o pós-parto, avaliando as influências e repercussões dessas variáveis sobre o desenvolvimento durante os dois primeiros anos de vida do bebê.	Estudo de caso único (díade mãe-bebê), baseado no modelo bioecológico de Bronfenbrenner.	Impactos negativos da violência obstétrica no aspecto mental e relação mãe-filho: Aumento de ansiedade, estresse e dificuldades emocionais no pós-parto de mulheres vítimas. Além disso, as mulheres vítimas tendem a apresentar menor sensibilidade e responsividade nas interações iniciais com o bebê.
A3	Compreender e analisar as vivências de mulheres negras acerca dos cuidados na gestação, no parto e no pós-parto.	Trata-se de uma pesquisa empírica, de abordagem qualitativa. Foram entrevistadas mulheres que se autodeclararam negras ou pretas e que passaram pelos serviços públicos de saúde nos municípios de Pernambuco.	Impactos negativos da violência obstétrica no aspecto mental: Mulheres negras vítimas de violência obstétrica apresentaram sentimentos de inferioridade, trauma emocional e aumento do risco de depressão pós-parto.
A4	Investigar a experiência denominada violência obstétrica no relato de mães.	Pesquisa com abordagem qualitativa, por meio de estudo de caso.	Impactos negativos da violência obstétrica no aspecto mental e relação mãe-filho: As mulheres que passaram por experiências de dor, humilhação e medo no parto, apresentaram consequências duradouras para a saúde psicológica e dificuldades no estabelecimento do vínculo mãe-filho.
A5	Investigar a relevância da escuta às mulheres gestantes em uma instituição de saúde pública	Relato de pesquisa com referencial na teoria psicanalítica.	Impactos negativos da violência obstétrica no aspecto mental: As mulheres relataram sofrimento emocional, insegurança e sensação de desamparo, evidenciando a necessidade de atendimento humanizado.
A6	Analisar a relação entre desrespeito e abuso durante o parto e o risco de depressão pós-parto.	Trata-se de estudo transversal, realizado com mulheres residentes nas zonas rural e urbana de Caxias – Maranhão, que receberam atendimento durante o trabalho de parto e parto na maternidade do município no período de dezembro de 2022 a junho de 2023.	Impactos negativos da violência obstétrica no aspecto mental e relação mãe-filho: Aumento significativo de sintomas depressivos, comprometendo a saúde mental materna. Além disso, a VO acarreta em repercussões negativas na qualidade do cuidado e no vínculo estabelecido com o recém-nascido por parte da mãe.

Fonte: autor (2025).

A análise dos estudos com finalidade de identificar quais as evidências na literatura sobre os impactos da violência obstétrica na saúde mental e relação mãe-filho de mulheres vítimas, possibilitou a construção das duas categorias a seguir.

3.1 Impactos na saúde mental

Os impactos da violência obstétrica no aspecto mental de gestantes e puérperas foram abordados nos seis artigos analisados nesta revisão. O estudo A1 evidenciou que, em diferentes contextos hospitalares, mulheres vítimas de violência obstétrica relataram sensações de medo, vergonha e insegurança diante da assistência desumanizada, reforçando a necessidade de uma abordagem humanizada que promova acolhimento e respeito durante todo o processo de parto e nascimento (Oliveira *et al.*, 2019).

No A2, os autores identificaram aumento da ansiedade, estresse e dificuldades emocionais no pós-parto entre mulheres que sofreram violência obstétrica (Ballesteros *et al.*, 2019). O estudo A3 demonstrou que mulheres negras vítimas desse tipo de violência apresentaram sentimentos de inferioridade, trauma emocional e maior risco de desenvolver depressão pós-parto (Lima; Pimentel; Lyra, 2019). De forma semelhante, o A4 apontou que o parto vivenciado de forma traumática, com intervenções não consentidas e ausência de suporte emocional, pode desencadear transtorno de estresse pós-traumático (TEPT), sentimento de impotência, medo e revivescência constante da dor (Matos; Magalhães, 2021).

O estudo A5 revelou que as mulheres vítimas de violência obstétrica relataram sofrimento emocional, insegurança e sensação de desamparo, evidenciando a importância do atendimento humanizado (Souza; Ne; Calzavara, 2024). Além disso, o A6 mostrou uma associação direta entre episódios de desrespeito e abuso durante o parto e o aumento do risco de depressão pós-parto, indicando que a vivência da violência impacta negativamente o equilíbrio emocional da mulher (Conceição; Madeiro, 2024).

3.2 Impactos na relação do binômio mãe-filho

Os estudos analisados nesta categoria evidenciaram que a violência obstétrica compromete de forma significativa a relação entre mãe e filho, interferindo no cuidado, no vínculo afetivo e no desenvolvimento infantil. O estudo A4 mostrou que a ausência de suporte emocional e a realização de procedimentos sem participação da mulher constituem formas de ritualização que prejudicam o engajamento materno nos cuidados com o bebê, afetando amamentação, responsividade e percepção de segurança do recém-nascido (Matos; Magalhães, 2021).

No A2, é possível identificar que a saúde mental materna é determinante para o desenvolvimento infantil e para o fortalecimento do vínculo mãe-filho, pois mães emocionalmente fragilizadas ou expostas a experiências traumáticas de parto tendem a apresentar menor sensibilidade e responsividade nas interações iniciais com o bebê, o que pode comprometer a formação do apego seguro e repercutir negativamente no desenvolvimento cognitivo e emocional da criança (Ballesteros *et al.*, 2019).

De acordo com o A6, mulheres que passaram por episódios de desrespeito e abuso durante o parto apresentaram repercussões negativas na qualidade do cuidado e no vínculo estabelecido com o recém-nascido (Conceição; Madeiro, 2024).

4. Discussão

Os estudos analisados evidenciam que as principais formas de violência obstétrica (VO) identificadas na literatura incluem a violência física, verbal, psicológica, além de práticas discriminatórias e preconceito institucional. A VO configura uma violação dos direitos humanos que ocorre com frequência alarmante nos serviços de saúde, sendo caracterizada por ações ou omissões de profissionais que causam sofrimento físico, moral ou psicológico à mulher durante a gestação, o parto ou o puerpério (Reis; Duarte, 2025).

Freitas *et al.*, (2025) destacam que a VO muitas vezes se manifesta em práticas naturalizadas, como a limitação da autonomia, ausência de privacidade, proibição de acompanhantes e padronização de condutas, desconsiderando as particularidades de cada mulher. Essa naturalização dificulta o reconhecimento da violência tanto pelas pacientes quanto pelos próprios profissionais, perpetuando um ciclo de negligência e desrespeito.

Silva *et al.*, (2025) ressaltam que a dor física e emocional gerada por essas práticas deixa marcas profundas na subjetividade feminina, interferindo significativamente na saúde mental e na vivência da maternidade. Os achados desta revisão apontam que a violência obstétrica se configura como um evento potencialmente traumático, com repercussões que ultrapassam o parto e se estendem para a vida emocional e familiar. Isso porque, a falta de respeito, o desamparo e o sentimento de impotência podem gerar sofrimento duradouro, predispondo a depressão, ansiedade e transtorno de estresse pós-traumático (Reis; Duarte, 2025).

As manifestações psíquicas decorrentes da VO não se limitam ao período puerperal, podendo prolongar-se por anos, especialmente quando não há suporte emocional adequado. Esses impactos afetam também o desenvolvimento do bebê e a dinâmica familiar, uma vez que o estado emocional da mãe está intimamente ligado à formação do vínculo afetivo (Leite *et al.*, 2024). Além disso, o trauma obstétrico fragiliza o vínculo inicial com o recém-nascido, comprometendo a amamentação, a interação precoce e a construção de um apego seguro, que são fatores essenciais ao desenvolvimento emocional da criança (Amaral; Ribeiro, 2021).

O estresse e o trauma decorrente da VO alteram a liberação de ocitocina, hormônio essencial à amamentação e ao vínculo afetivo, dificultando a conexão emocional entre mãe e filho. Sob uma perspectiva psicanalítica, Silva *et al.*, (2025) apontam ainda que o trauma obstétrico pode desorganizar psiquicamente a mulher e comprometer sua identidade materna, gerando inibição emocional e dificuldades na maternidade.

Por tanto, os impactos da VO extrapolam o momento do parto, configurando-se como um problema de saúde pública que compromete a saúde mental da mulher, o vínculo mãe-filho e o desenvolvimento infantil. O reconhecimento e a humanização da assistência ao parto são, portanto, pilares essenciais na construção de um cuidado integral e respeitoso no ciclo gravídico-puerperal (Duarte *et al.*, 2025).

5. Conclusão

Os resultados desta revisão integrativa evidenciam que a violência obstétrica configura uma violação dos direitos humanos e de gênero, com repercussões significativas na saúde mental da mulher e na relação mãe-filho. Os estudos analisados apontaram que a experiência de violência obstétrica está associada a sentimentos de medo, vergonha, impotência, ansiedade, depressão e transtorno de estresse pós-traumático, afetando de forma direta o bem-estar psicológico materno. Além disso, constatou-se que a vivência de práticas desrespeitosas durante o parto

compromete o estabelecimento do vínculo afetivo, a amamentação, a sensibilidade materna e a formação do apego seguro, elementos essenciais ao desenvolvimento emocional e cognitivo da criança.

Nesse contexto, os achados reforçam a necessidade urgente de fortalecimento das práticas obstétricas humanizadas, que valorizem a autonomia, o respeito e o acolhimento da mulher durante o processo de parto e nascimento. A atuação do enfermeiro é central nesse cenário, especialmente na identificação de situações de violência, na promoção de ambientes de cuidado acolhedores e na oferta de suporte emocional às parturientes.

Entretanto, ainda são necessárias novas pesquisas, especialmente estudos multicêntricos e de abordagem longitudinal, que aprofundem a compreensão dos efeitos psicológicos e relacionais da violência obstétrica ao longo do tempo. Além disso, investigações que avaliem a efetividade de programas educativos, políticas públicas e intervenções psicossociais também se mostram fundamentais para subsidiar estratégias de prevenção, enfrentamento e promoção da saúde integral da mulher e da criança no ciclo gravídico-puerperal.

Referências

AMARAL, R. L.; RIBEIRO, C. F. A importância do vínculo afetivo entre mãe e bebê no puerpério: desafios e implicações para a saúde mental materna. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 74, n. 2, p. 1–8, 2021.

BALLESTEROS, L. F.; *et al.* **Saúde mental e apoio social materno: influências no desenvolvimento do bebê nos dois primeiros anos.** Contextos Clínicos, v. 12, n. 2, 2019.

Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/contextosclinicos/article/view/ctc.2019.122.04/60747007>. Acesso em: 6 out. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 569, de 1º de junho de 2000. Institui o Programa de Humanização no Pré-natal e Nascimento, no âmbito do Sistema Único de Saúde. **Diário Oficial da União, Brasília, DF, 1 jun. 2000.** Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2000/prt0569_01_06_2000.html. Acesso em: 6 out. 2025.

CONCEIÇÃO, R.; MADEIRO, L. Associação entre desrespeito e abuso durante o parto e o risco de depressão pós-parto: estudo transversal. **Ciência & Saúde Coletiva**, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/wbq3FxQH7HmVMYSp7Y9dntq/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 6 out. 2025.

DUARTE, A. P.; REIS, M. L.; SOUZA, J. R. Humanização do parto e enfrentamento da violência obstétrica: uma revisão integrativa. **Revista de Saúde Pública**, v. 59, n. 4, p. 45–52, 2025. Último acesso em 21/10/2025. Disponível em: <https://doi.org/10.55905/revconv.18n.2-298>

FREITAS, G. S. *et al.* Práticas de desrespeito e negligência no parto: expressões da violência obstétrica no contexto hospitalar. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 33, n. 1, p. 1–10, 2025.

KAPPAUN, A. & Costa, M. M. A. (2020). Institucionalização do Parto e suas Contribuições na Violência Obstétrica. **Revista Paradigma**. 29(1). Último acesso em 06/10/2025. Disponível em: <https://revistas.unaerp.br/paradigma/article/view/1446>

LEITE TH, Pereira APE, Leal MC, Silva AM. **Disrespect and abuse towards women during childbirth and postpartum depression: findings from Birth in Brazil Study**. J Affect Disord 2020; 273:391-401.

LEITE, M. C.; ANDRADE, P. R.; COSTA, N. T. Repercussões psicológicas da violência obstétrica no pós-parto: depressão, ansiedade e TEPT. **Revista Psicologia & Saúde**, v. 16, n. 3, p. 115–127, 2024.

LIMA, K. D.; PIMENTEL, E.; LYRA, M. Disparidades raciais: uma análise da violência obstétrica em mulheres negras. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, n. 10, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/qx3wXp7wBPRbHtW4kFcChFm/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 6 out. 2025.

MATOS, M. G.; MAGALHÃES, A. L. **Violência Obstétrica e Trauma no Parto: O Relato das Mães. Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 41, n. 2, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/XSKSP8vMRV6zzMSfqY4zL9v/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 6 out. 2025.

OLIVEIRA, M. A.; *et al.* Vivências de violência obstétrica experimentadas por parturientes. **ABCS Health Sciences**, v. 44, n. 2, p. 114–119, 2019. Disponível em: <https://docs.bvsalud.org/biblioref/2019/10/1022349/44abcs114.pdf>. Acesso em: 6 out. 2025.

REIS, M. L.; DUARTE, A. P. Violência obstétrica e saúde mental da mulher: uma análise das práticas institucionais no parto. **Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia**, v. 47, n. 1, p. 20–29, 2025.

SILVA, E. P. *et al.* Violência obstétrica e saúde psíquica: impactos e desafios na construção da maternidade. **Revista de Enfermagem Contemporânea**, v. 14, n. 2, p. 88–97, 2025.

SILVA, R. S.; MOURA, A. P.; FONSECA, D. J. Bem-estar materno e desenvolvimento infantil: a influência da saúde emocional da mãe no vínculo afetivo e cognitivo da criança. **Revista de Saúde Materno-Infantil**, v. 22, n. 1, p. 56–64, 2023.

SOUZA, N. E.; CALZAVARA, A. F. Uma escuta à gestante na instituição: entre o trauma e a inventividade. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, v. 14, n. 1, 2024. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/eip/article/view/48409/49952>. Acesso em: 6 out. 2025.

SOUZA, M. T.; SILVA, M. D.; CARVALHO, R. **Revisão integrativa: o que é e como fazer? Einstein**, v. 8, n. 1, p. 102–108, 2010.

WHITTEMORE, R.; KNAFL, K. The integrative review: Updated methodology. **Journal of Advanced Nursing**, v. 52, n. 5, p. 546–553, dez. 2005.